

A nova barbárie brasileira¹

Paulo Herkenhoff

Magnífico reitor da Universidade de São Paulo, professor Vahan Agopyan.

Professor Guilherme Ary Plonski, vice-diretor do Instituto de Estudos Avançados da USP, o qual, com o diretor do Instituto, Paulo Saldiva, já nos conduz pelas investigações sobre o eixo arte e ciência.

Professor Martin Grossmann, coordenador acadêmico da Cátedra Olavo Setubal, um irmão no amor à museologia.

Professora Maria Alice Setubal, representante da família Setubal. Carrego a frustração de não ter realizado o propósito de tê-la no Conselho do MAR.

Senhor Eduardo Saron, diretor do Instituto Itaú Cultural, que cumpre um plano que podemos classificar como ação de Estado, tal a sua abrangência, a exemplo do Instituto Ayrton Senna, da Fundação Roberto Marinho e de outras organizações civis.

Catedrática Helena Nader, com que já aprendo a discutir a relação entre ciência e arte – e juntos debateremos a economia do conhecimento.

Catedrática Eliana Sousa Silva, diretora da Redes da Maré, que elevou a taxa de aprovação de jovens da Maré na Universidade de 0,5% para 4%. Eliana e Heloisa Buarque de Hollanda, esta com a Universidade das Quebradas, foram uma força de propulsão do MAR (Museu de Arte do Rio) como um museu para o público suburbano.

Catedrático Ricardo Ohtake, que me ofereceu tantas oportunidades para me dedicar a uma agenda sobre a arte.

¹ Discurso de posse como titular da Cátedra Olavo Setubal de Arte, Ciência e Cultura proferido em cerimônia na Sala do Conselho Universitário da USP em 28 de março de 2019.

Estimado Luiz Chrysostomo de Oliveira Filho, meu apresentador, com quem vivo a aventura do MAR. Juntos construímos a Escola do Olhar, o MAR na Academia, um programa inovador de exposições, um acervo complexo de arte, que inclui coleções que articulam conceitos da filosofia da matemática, como o zero e o infinito, e núcleos sobre a formação social do Brasil (judaica, sino-brasileira, nipo-brasileira) e visões transversais, como a Pororoca (de arte da Amazônia) e a das mulheres artistas do século XIX.

Caro Julio Landman, o primeiro a me trazer a São Paulo, para a Bienal da Antropofagia.

Aos colegas da equipe do IEA.

Queridas amigas e amigos.

A todos agradeço este momento luminoso de celebração da vida.

Arte e ciência

Se me permitem, iniciarei com uma nota pessoal. Aos 70 anos só me interessa o que eu não sei. Tenho pouco tempo para o que já sei. A arte é o que torna minha vida possível. Um grande privilégio que me oferece a Universidade de São Paulo será desenvolver um diálogo com a cientista Helena Nader, minha companheira na cátedra Olavo Setúbal.

Mais que nunca, o Brasil precisa compreender a harmonização entre arte e ciência na produção de conhecimento e de visões de mundo, as complementaridades entre o sensorial e o racional na constituição do sujeito. Nader está apreensiva com o presente retrocesso político que pode destruir um passado árduo de conquistas em muitos campos do conhecimento e da educação.

Não tenho nada contra astronautas, mas a nomeação de um como ministro da Ciência, Tecnologia e Inovação me parece uma caricatura demagógica num país com potências científicas, entre

outras, a USP – como sou carioca por adoção, estou mais afeito ao ambiente do Rio –; a Coppe da UFRJ; a Fundação Oswaldo Cruz; o Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA), com seus professores e alunos premiados, como Peter Tabichi e Artur Avila;² o neurocientista Miguel Nicolelis; a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC); o astrônomo Marcelo Glaser, que acaba de receber o Prêmio Templeton. Perguntei ao eminente astrofísico João Steiner, professor da USP, o que ele achava de um astronauta dirigir o ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. Ele me respondeu sério: “Acho ótimo!”, completando em seguida: “Ele poderá dizer ao presidente que a terra é redonda, porque já viu”. A ciência do Brasil não repetirá o Galileu de “E pur si muove!”, diante da boçalidade da replanificação da terra.

Conter

Passo agora a refletir sobre a nova barbárie que passou a assolar o Brasil e indago: pode o Estado conter os indivíduos? Pode o Estado conter a sociedade civil? Evidentemente que **não**.

Cabe sempre pensar a relação do Estado com a cultura a partir de um termo ambíguo, o verbo “conter”. Seus dois sentidos principais são antitéticos entre si. Quando se afirma que o Estado não é capaz de conter os indivíduos, como deve ser entendida essa afirmação? As respostas têm rumos diametralmente opostos.

A etimologia latina de “conter” é “continere” (manter unido, encerrar), dos termos “com” (= junto) e “tenere” (= segurar). No primeiro sentido do étimo, o pensamento onipotente imagina o aparelho de Estado como uma máquina de potestade absoluta capaz de conter, isto é, de estancar, reter, refrear, dominar, recalcar os movimentos legítimos de uma sociedade ou de impedi-la de pensar e de se expressar livremente e inventar sua vida simbólica. A vontade de

² Global Teacher Prize e Medalha Fields respectivamente.

potência é um sentimento irreduzível no sujeito. A liberdade de expressão não é direito apenas do indivíduo, do sujeito do pensamento, mas é um valor de interesse de toda a sociedade, que necessita de embate das ideias e da convivência nas diferenças.

O segundo significado, igualmente irônico, poderia ser aplicado sempre que, de fato, o Estado não seja capaz de conter a sociedade em sua diversidade. Isto é, não seja capaz de abrigá-la em sua extensão, abrangê-la em sua profundidade e, muito menos, de dar conta de suas necessidades básicas e condições de plenitude simbólica.

Muito menos os delírios do poder, próximos de uma doideira braba na condução do aparelho de Estado, trarão o reencontro que a sociedade brasileira precisa. A arte é uma garantia de sanidade, afirmava a nonagenária Louise Bourgeois.

Educação

Em tempos cinzentos, toda neutralidade obscurece ainda mais o ambiente. A arte, como a educação, não é neutra. Aliás, arte neutra não passa de *interior decoration*. Creio concordarmos que a relação entre ética e política aflige a cidadania brasileira. Desde o segundo turno em outubro do ano passado, em cinco meses de inação, nenhuma agenda prioritária surgiu na educação, exceto a perfumaria tosca. A nova educação, até aqui um mergulho no nada conceitual, não passa de uma escola com um *outro* partido, uma educação para a antidemocracia. Que seja um movimento tão provisório e passageiro como o foi a educação varguista.

Essa nova educação que não se vê, definitivamente não é e nem se compara à Escola Nova de Anísio Teixeira, que levou ecos à UNB e nos Cieps no Rio. Os novos gênios da lâmpada queimada da educação destratam e pensam poder e ousam querer obscurecer o farol Paulo

Freire. O educador magno foi cassado em 64 e agora, em 2019, sob o fragor dos ignorantes. Querem a educação para a subalternidade, a internalização da nova ideologia conservadora, com a militarização da infância, a lavagem cerebral própria do regime soviético, a alienação diante do sistema de dominação. Na Virgínia ou em Brasília, engana-se quem pensa que Paulo Freire seja um nome meramente brasileiro. Seu método da pedagogia do oprimido é aclamado internacionalmente como um benfeitor do avanço social e humano, capaz de superar a dialética do senhor e do escravo de Hegel. Ele é o ícone no mundo da educação emancipadora.

O que será da cultura brasileira quando essas crianças educadas de modo tosco e servil chegarem à idade adulta? Conseguirão se rebelar em demanda pela liberdade? Amarão a liberdade? Praticarão uma arte como exercício experimental da liberdade na recomendação de Mario Pedrosa?

Em tempo: um professor de moral e cívica da PUC carioca que conheci em minha época de estudante acabou sendo preso alguns anos depois por tráfico de droga no Leblon. Levava a cocaína no salto do sapato.

Nos Estados Unidos, como aqui, as cotas são um problema necessário às soluções igualitárias, que trouxe resultados como levar Barack Obama à presidência do país. Na área das artes plásticas, o estabelecimento das cotas para os jovens negros, instituídas no governo Lula, está resultando num verdadeiro renascimento crítico da história afro-brasileira em todos os quadrantes. Esses jovens artistas revalorizam suas características físico-étnicas e sua herança cultural, querem revisitar a história da escravidão com o sacudimento em Gorée, de Ayrson Heráclito, e fazer a crítica da indiferença das ciências etnológicas diante dos escravizados; querem construir a história dos vencidos e expor para superar o neoescravismo; demandam o direito às

religiões afro e até ao sincretismo, se for o caso. Querem produzir arte e curadoria sobre qualquer assunto.

O país dos novos fundamentalismos

Para tratar dos fundamentalismos contemporâneos – evangélico, militarista, chavista e qualquer outro –, cito José Eduardo Agualusa: “Fundamentalismo islâmico e fundamentalismo cristão são irmãos siameses cegos, presos pelo umbigo. Representam a barbárie absoluta, a anticivilização, a mais abjeta e repugnante expressão do desvario humano”.³ E conclui: “Cultura do ódio, da paixão pelas armas e da negação da diferença”. O Brasil testemunha a volta do baixo medievalismo da histórica demonização do diferente.

Uma religião predatória dos direitos à autonomia cultural dos povos foi bem descrita por uma ministra, do alto de sua goiabeira, como “terrivelmente cristã”. Pois bem, o “terrível”, em sua etimologia latina em “*terribilis*”, é o pavoroso, medonho, horrendo. Confissão da violência. Agora invoco a conhecida etimologia de “religião”, que provém do latim “*religare*”, mas o que se vê é uma antirreligião militante que insulta, oprime e mata. A biopolítica é sempre a regulação do corpo alheio. Não foi a sexualidade convertida pelo cristianismo em “produção da verdade”, portanto para conhecer, vigiar e controlar? (Foucault).⁴ A moralidade dúbia converte o apartamento funcional em Brasília em garçonnière “para comer gente”, às custas do erário público. A nova moral cínica que defende a proibição do aborto cegamente, aplaude os linchamentos, a execução sumária de bandidos. Clarice Lispector assumiu que “na hora de matar um criminoso – nesse instante está sendo morto um inocente. [...] enquanto isso, dormimos e falsamente nos salvamos”.

³ “Bárbaros entraram na cidade”. O Globo, 23 de março de 2019.

⁴ Michel Foucault. Microfísica do poder. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1993, p. 231.

De norte a sul, o grito tenebroso da suindara, a voz fúnebre da coruja branca, rasga-mortalha, anuncia o extermínio das culturas. O mau agouro sobrevoa nossa identidade histórica. A retomada do genocídio escamoteado dos índios é companheira do proselitismo religioso que avança na guerra antropológica, provocando a **morte** das culturas indígenas. Somos uma "sociedade que marginaliza e mata", acusa ainda a Lispector. Um novo terrorismo cristão, crime de ódio, se tipifica no apedrejamento de filhas de santo e na morte provocada de uma mãe-de-santo idosa por ataques verbais e físicos a seu terreiro por evangélicos.

A nova barbárie brasileira tem uma dimensão na nova crueldade cristã, com seu viés racista. No Xingu, a octogenária e semicega Tanumakaru chora a partida de Lulu Kamayurá há 15 anos: "Chorei, e Lulu estava chorando também por deixar a avó", que na aldeia é tida como a verdadeira mãe de Lulu e que dela esperava cuidados em sua velhice. A justificativa do sequestro de uma criança indígena, sob uma mentira de cuidar de sua saúde, pelas mãos da catequização. O cristianismo se alça acima do direito penal e do bom senso, o que era crime agora é aplauso da congregação. Continuo a esperar por uma nova ética não predatória e por uma estética evangélica, que se prenuncia na obra de Maxwell Alexandre.

Desde 2016, na cidade do Rio de Janeiro, o novo racismo é ainda mais violento com o sufocamento no plano municipal das iniciativas da vida afro-brasileira. O candomblé e as práticas afins são sistemas de valores éticos como todas as demais religiões. O jogador Lilian Turan, que trouxemos ao MAR e levamos às comunidades do Alemão e do Caju, afirma que a sociedade nos educa como racistas. Se não ficarmos atentos, incorreremos em posições racistas.

Foram décadas de luta para que os afrodescendentes no Brasil conseguissem retirar suas práticas religiosas do campo policial, ultrapassassem sua redução ao exotismo na arte modernista com

Tarsila, seu tratamento como superstição pelo cristianismo e ou folclore nos estudos sociais. Nesse renascimento negro, a arte aborda o tráfico no Atlântico Sul com Arjan e Thiago Martins de Mello, o exame da indiferença da etnologia com os escravizados na obra de Rosana Paulino, a cartografia histórica, reterritorializadora das cenas da escravidão no mapa do Brasil ou no centro de São Paulo, por Jaime Lauriano, a encenação da Vila Rica, com o ouro colonial mineirado a sangue africano, com o grupo Empreza, aqui representado por Paul Setúbal e Helô Sanvoy.

A nova barbárie

Como se preparar para viver e reagir à nova barbárie brasileira anunciada e em andamento a passos largos? Nós, brasileiros, fomos todos oficialmente reduzidos à condição de delinquentes internacionais. Somos todos canibais e ladrões, enquanto o coro dos ladrões ruge nos salões oficiais e na casa sonsa da família.

Como não despejar uma cascata de horrores? A violenta celebração da execução de Marielle, o elogio do terrorismo de Estado, as tentativas de apagamento daquilo que é impossível esquecer, o eufemismo do presidente do Supremo Tribunal Federal com o golpe de 64, que levou à ditadura ao anular o Estado de Direito, a arquiapologia da violência contra os mais fracos, o gabo do estupro, a comparação dos afrodescendentes por arroba como gado, o sequestro legitimado de uma criança indígena, o recrudescimento da guerra cultural contra as culturas autóctones, a erosão do Estado laico, o fundamentalismo das seitas evangélicas na satanização das diferenças, o medievalismo como pseudo-avanço social, a licença para abater, o furor contra a vida simbólica pensante, a ideologização dos debates sobre os incentivos à cultura, a nova educação ofensiva, a ignorância arrotada aos quatro ventos, o culto à personalidade do mito oco, as novas

formas de convivência com a corrupção, a arrogante criminalização da crítica, a diplomacia de civis calçando botas como falcões cegos que se alçam tão alto quanto um voo de galinha, o ridículo trumpismo submisso, o novo brutalismo republicano, com sua decadência a um estágio anterior à Revolução Francesa. No puxa-saquismo da diplomacia de fancaria, um Bolsonaro zero à esquerda declara nos Estados Unidos que “a grande maioria dos imigrantes [brasileiros] em potencial não tem boas intenções nem quer fazer bem ao povo americano”. Estamos experimentando tempos históricos toscos, de prazer perverso da anticivilização, do encômio ao inculto, da refinada capacidade de fazer o mal.

A ebulição do tosco alcança os píncaros da República, articula a praça dos Três Poderes e trafega pela Esplanada dos Ministérios. Clamo pelo conde de Afonso Celso para escrever agora “Por que **não** me **orgulho** de meu país”, já que o ufanismo nos levou ao nada social e político, ao absoluto vazio do oco.

Penso na novela “Los Peor” do costarrriquenho Fernando Contreras Castro, que dever ser traduzida como “Os Pior”. A saga e a decadência atravessam a família Peor numa San José em transformação para o bem e para o mal. Seria um vaticínio para o Brasil contemporâneo? Nossos Peor só podem fazer promessas seguras de um mundo pior, como o escárnio com os mortos trucidados pelo terrorismo de Estado que envergonha a atual democracia brasileira. No puxa-saquismo da diplomacia de fancaria, um filho zero à esquerda declara que “a grande maioria dos imigrantes em potencial não tem boas intenções nem quer fazer bem ao povo americano”. Desrespeito ao trabalho duro de quem persegue o direito a uma vida melhor.

“Quem procura osso é cachorro” – é o escarnecimento amoral do inconsequente sobre a busca dos restos mortais das vítimas do massacre do Araguaia. Quem ri dos mortos é hiena. Nem Goya nos terríveis “Desastres da Guerra” imaginou tamanho descaso com a vida

humana, do direito das mães de enterrarem seus filhos. Aqui homenageio Arildo Valadão, meu amigo de juventude trucidado no Araguaia.

O escárnio com os mortos nos envergonhou no Chile. El Peor causou indignação cívica. A audácia funesta foi o elogio a Pinochet em Santiago pelo homem sem qualidades éticas. O Chile, a Argentina e o Uruguai não são o Brasil da permissividade com o terrorismo de Estado. Lá é cadeia para os torturadores.

Antropofagia e antropoemia

O que o grande antropólogo Claude Lévi-Strauss terá aprendido em sua missão na USP? O Brasil propiciou ao mundo uma noção poética e firme de autonomia cultural – mediante o entendimento entre as diferenças – com a Antropofagia de Oswald de Andrade, ainda que uma sociedade extremamente problemática e injusta. Seguramente, Lévi-Strauss leu Oswald ao classificar as sociedades entre antropofágicas e antropoêmicas.

A Antropofagia brasileira é uma construção complexa sobre a mútua alimentação simbólica no diverso, enriquecedora no plano do *Antropos*, do humano. Implica no reconhecimento das qualidades do outro que me fazem um ser melhor. É necessário anunciar reiteradamente o estado de beligerância simbólica em nosso país, o recrudescimento de uma guerra antropológica contra as nações indígenas e às religiões de matriz africana, com a facilitação e aceleração dos interesses do capitalismo. Tudo isso trai o Brasil.

O canibalismo de sanha contemporâneo substitui a construção brasileira da Antropofagia como a convivência positiva entre as diferenças. Mas o Estado passou agora a vomitar todo outro que não seja igual. É o reconhecimento das qualidades do outro que me fazem um ser melhor. O canibalismo social é uma forma destrutiva do humano,

o consumo predatório da própria espécie, do outro. É violenta pulsão de morte. Passamos da “geleia geral” de uma sociedade de posições anódinas para um grande vomitório. São tempos da antropoemia, do grego “emein” para vômito, fétido, indecoroso e apodrecido.

A nova (in)cultura

Mãos brutas estão pegando ao contrário o colar de pérolas das conquistas civilizatórias da sociedade brasileira ao longo das últimas sete décadas de construção tantas vezes exemplar. Vão desmontando as penosas e as mais justas conquistas que levaram ao progresso social e honraram o Brasil em foros internacionais.

O *twitter* como *dixit* para o novo redil das redes sociais, hipnotizado pelo populismo do mito sem obra. A nova cultura da obscenidade escancarada. Como no caso do *twitter* da baixa escatologia como moeda política, com o *Golden shower* presidencial, que mijou sobre nossos olhos. Peço desculpas pelo uso do termo chulo, empregado para acentuar a natureza do *twitter* presidencial. Enquanto isso, é “natural” que a estrela pornô emplaque nomes na área federal da cultura.

O próximo dia 31 de março é dia de luta, com a ordem de celebração do golpe de 64. No regime de 64 foram censurados muitos jornais, 200 livros, 450 peças de teatro, 500 filmes, 500 músicas. Foram centenas de mortos, homens e mulheres. O absurdo dever de celebrar o monstro que censurou, cassou, prendeu secretamente, suspendeu o habeas corpus, torturou, estuprou, exilou e executou. Ali o grande sádico enaltecerá o pau-de-arara, o choque elétrico, o afogamento, a cadeira de dragão e a geladeira como monumentos de lesa-humanidade? Cortaram na carne, esfolaram em carne viva.

Lei Rouanet

Em 2013, visitei Alto do Paraíso em Goiás. Todas as 600 crianças da vila estavam de algum modo envolvidas em atividades educativo-culturais dos Pontos de Cultura, o revolucionário programa de descentralização da ação do Ministério da Cultura que chegou a atuar com extrema capilaridade, em cerca de 1.200 municípios do Brasil. Isso é ação de Estado. No entanto, o petismo cultural dos Pontos de Cultura foi agora substituído pela fanfarra *trumpetista*. Talvez a mais produtiva regra de incentivo à cultura no mundo, a Lei Rouanet cumpriu plenamente sua missão, malgrado alguns defeitos de origem ou problemas interpostos em sua aplicação.

Instituída pelo embaixador Sergio Paulo Rouanet, primeiro ocupante desta cátedra, a Lei Rouanet (1991) revolucionou o ambiente da cultura do Brasil com seus eficientes mecanismos de fomento, entre eles destaco aqui os incentivos fiscais. Na dinâmica da Lei Rouanet, um grande caso de corrupção nunca tem a desmedida dimensão se comparado à magnitude de um escândalo mediano da Lava-jato. Os 51 milhões escondidos num apartamento de um deputado na Bahia teriam salvado o Museu Nacional. Ninguém fecha hospitais por ocorrência de corrupção. Cito a catedrática Helena Nader, ciência não é despesa. Nem cultura, agregio.

Produção da Lei Rouanet.

Vejamos os inúmeros os benefícios para a sociedade com a aplicação da Lei Rouanet, num florescimento de dimensão renascentista. A cultura brasileira pulsa sob a Lei Rouanet, desenvolvendo a economia criativa.

A Lei Rouanet desenvolveu um variado leque de profissões, cria emprego e produz impostos, trazendo razoável retorno aos cofres públicos: IR, ISS, ICMS, IPI. Sobretudo, a Lei Rouanet deu um impulso à

vida simbólica e ao processo educativo a ela atrelado de modo cada vez mais amplo.

É preciso repensar a Lei Rouanet

Quanto ao momento atual, com os ataques à Lei Rouanet e a tentativa de censura às atividades por ela contempladas, cabe-nos saber ser cético, não como improdutividade, mas com cautelosa desconfiança. No entanto, ainda dou crédito ao Ministério da Cidadania, desde que se disponha a repensar produtivamente a Lei Rouanet, em processo baseado em diálogo com os artistas, os diretores de instituições culturais, os produtores de atividades da cultura, os arte educadores, o mercado. Debater para aperfeiçoar a Lei Rouanet, tornando-a mais eficiente como mecanismo, mais eficaz em seus objetivos de universalizar o acesso à cultura e de corrigir seus entraves. Reputo Juca Ferreira como o grande Ministro da Cultura na plena potencialização de sua pasta. Ele declara ser necessário compreender as leis de financiamento para que consigamos projetar uma política arrojada no âmbito da cultura.⁵

O Brasil produz hoje uma arte da opulência, ação pelo excesso, exibicionismo das instituições, pela irresoluta concentração geográfica das aplicações de incentivos fiscais. As empresas tendem a ter menos interesse em apoiar atividades no Norte-Nordeste, além de não estarem acessíveis. Vigem a cultura do evento, da catraca, do espetáculo que, para os situacionistas, é alienante. Para cada problema, uma solução.

A crítica da cultura e da aplicação da Lei Rouanet merece atenção positiva. Houve uma facilitação da legislação para as comemorações dos 500 anos do Brasil, abrindo-se mão de incentivos mais vantajosos para as atividades que circulassem pelo país. É hora de retornar a tal estratégia de modo mais vantajoso, para que volte a criar circuitos nacionais de exposições.

⁵ FGV Projetos. A cultura na economia brasileira. Rio de Janeiro, FGV, 2015, p..

O ponto fundamental é desenvolver aspectos de justiça redistributiva de inclusão social e geográfica, já que o colonialismo interno paulistocêntrico também incide sobre o campo cultural. É, pois, necessário criar mecanismos de redistribuição dos recursos. Uma hipótese é que, para cada centavo doado por uma empresa, a União conceda à ela, automaticamente, um abatimento adicional automático para financiar atividades nas regiões Norte e Nordeste definidas pela Comissão Nacional de Incentivo à Cultura (CNIC).

Estratégias para os novos tempos

Esse tempo que vai chegando demandará novas metáforas, praticar estratégias de avançar e recuar, organizar melhor a sociedade civil em favor da cultura, menos agentes provocadores capazes de precipitar crises estéreis. É um tempo que requer novas estratégias e a revisita às antigas soluções de sobrevivência à repressão militar, ao terrorismo de Estado, aos processos de introjeção do medo. Pensar com Foucault, Agamben, Deleuze, entre outros. É preciso voltar a ler Brecht intensamente. Praticar a violentação da violência e não arrefecer a ira cívica diante da barbárie.

A esperança neste país cada vez mais infeliz deve ser uma construção coletiva profundamente ancorada no lugar para a diversidade e com um olhar voltado para a justiça social.

Precisamos ter a coragem de perguntar: Onde a cultura falhou diante desse estado desastroso da direita ululante? As respostas ajudarão no surgimento de novas táticas, de novas metas e objetivos culturais.

Mário Pedrosa foi o intelectual que atravessou o século XX e nos preparou para o século XXI. Tendo vivido sob dois regimes ditatoriais, Pedrosa afirmou que a arte é o “exercício experimental da liberdade”, um dos princípios da ética cultural no Brasil. A arte é uma reserva moral

da sociedade. Mais que antenas da raça, os artistas são sensores sensibíllissimos do estado de opressão.

Essa gente nos faz sentir saudades das antigas contradições, mas temos que buscar brechas no cerco do presente. Devemos nos fiar na potência plena da arte, afastando a inação do sentimento de impotência e ficando longe dos equívocos da onipotência. Os novos limites serão o ponto de partida para a nova potência.

Inicia-se a diáspora do conhecimento cultural e científico com a emigração de artistas, curadores, professores universitários em fuga diante da nova ordem. Há os que se cansaram com o Brasil, desacreditam em seu futuro. Por enquanto, 2019 versus 1964 é exílio voluntário versus a fuga da repressão com tortura e morte. Agora, um Mário Pedrosa conclusivo: “A arte é a única coisa que é contra a entropia do mundo?”⁶

Enfim, como aprender a sobreviver com “a inconstância da alma selvagem”?⁷

Dedico esta fala a Paulo Roberto Santi, meu companheiro de uma longa jornada de quarenta anos.

⁶ Mário Pedrosa. Sem título. Em Antônio Manuel et al. Antonio Manuel. Rio de Janeiro: Funarte, 1984, p. 16.

⁷ Viveiros de Castro, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo, Cosac Naify, 5ª. edição, 2013.